



A CONCEPÇÃO DE CRIANÇA NA METODOLOGIA PEDAGÓGICA DE MARIA MONTESSORI: UMA EDUCAÇÃO PARA A VIDA

THE CONCEPTION OF CHILD IN MARIA MONTESSORI'S PEDAGOGICAL
METHODOLOGY: AN EDUCATION FOR LIFE

Gabriela de Souza Costa¹
Cleonice Maria Tomazzetti²

RESUMO: O presente ensaio teórico abordará, como temática e discussão, a concepção de criança tendo por base de estudos a metodologia de Maria Montessori (1870-1952), médica, educadora e pedagoga italiana que propiciou um novo olhar à educação e aos estudos da criança pequena. Essa concepção abrange, contemporaneamente, diferentes eixos teóricos tendo em vista todo seu desdobramento histórico e social. Desse modo, o presente ensaio apresenta nossa compreensão de criança, assim como as características e implicações do seu método pedagógico que possuem relevância para a educação, tendo por base quatro de suas obras deixadas ao longo de sua vida. Assim, consideramos que os avanços e contribuições de Montessori são significativamente preciosos para o entendimento dessa concepção de criança e de infância desde o seu desenvolvimento, no entendimento acerca da liberdade de suas ações e na integralidade dessa criança, fundamentado em um ideal de educação para a vida.

Palavras chave: Criança; Infância; Montessori.

ABSTRACT: This theoretical essay will address, as a theme and discussion, the conception of the child based on the methodology of Maria Montessori (1870-1952), Italian doctor, educator, and pedagogue who provided a new look at education and the studies of the young child. This conception encompasses, contemporaneously, different theoretical axes in view of all its historical and social unfolding.. Thus, this essay presents our understanding of the child, as well as the characteristics and implications of his pedagogical method, based on four of his works left throughout his life. Thus, we consider that Montessori's advances and contributions are significantly precious to the understanding of this conception of the child from its development, in the understanding about the freedom of her actions and in the integrality of this child, based on an ideal of education for life.

Keywords: Child; Childhood; Montessori.

¹ Gabriela de Souza Costa, Graduanda em pedagogia na Universidade Federal de São Carlos, g4bicosta@gmail.com

² Cleonice Maria Tomazzetti, Profa. Dra. na Universidade Federal de São Carlos, cleoufscar@gmail.com



MARIA MONTESSORI: UM BREVE RESUMO

Montessori (1987) afirma que “A criança assimila todas as impressões, não com a mente, mas com a própria vida” (p.34), o que implica que todas as experiências e vivências das crianças sejam consideradas como importantes contribuições ao seu desenvolvimento psíquico, social e cultural, tendo como ênfase o contexto educacional.

Tendo esta afirmação como premissa inicial, o presente ensaio teórico aborda o caminho da produção intelectual de Montessori até suas considerações destacadas, bem como seu contexto histórico e social enfatizando, inicialmente, o seu título de primeira médica mulher na Itália em meados de 1886, época em que mais de 50% da população italiana era composta de adultos analfabetos. Trabalhando em uma clínica psiquiátrica na Universidade de Roma, a médica teve seu primeiro contato com as crianças e, ao conversar com outros médicos e adultos, ouviu deles que “as crianças eram sujas e insaciáveis”, pois se jogavam no chão para brincar com migalhas de comida depois que acabavam de comer.

Essa percepção do adulto diante das crianças pode ser compreendida desde Ariès (1986), cujos estudos apontam as diferentes representações das crianças pelas quais as sociedades medievais, renascentistas, pré-industriais e industriais manifestavam seu sentimento da infância, sendo a criança como adulto em miniatura a mais expressiva e divulgada por meio da obra *História social da criança e da família*. Segundo Ariès, na sociedade medieval o sentimento da infância não existia. Mas isso

[...] não quer dizer que as crianças fossem negligenciadas, abandonadas ou desprezadas. O sentimento da infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças: corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem. Essa consciência não existia. Por essa razão, assim que a criança tinha condições de viver sem a solicitude constante de sua mãe ou de sua ama, ela ingressava na sociedade dos adultos e não se distinguia mais destes [...] (ARIÈS, 1986, p. 156).

As diversas formas pelas quais eram representadas incluíam as artes sacras e suas vestes, tais quais as roupas dos adultos, sendo julgadas como bobas da corte ou desobedientes e indisciplinadas. O autor destaca em um dos capítulos de seu livro que “[...] é difícil crer que essa ausência se deve à incompetência ou à falta de habilidade. É mais provável que não houvesse lugar para a infância nesse mundo. [...]” (1986, p. 50). Com isso, é na Europa do século XVI que se gera uma alteração no sentimento dos adultos em relação às crianças.

Se antes as crianças eram tratadas com indiferença ou paparicadas, verifica-se que “a partir dessa época as crianças passaram a ser objeto de discursos que tentavam convencer os pais e a sociedade a abandonar essas atitudes e adotar um comportamento mais racional em relação a meninos e meninas” (GHIRALDELLI JUNIOR, 2009, p. 34). Desse modo, é possível afirmar que o conhecimento sobre a criança e a sua infância começam tardiamente tendo em vista as transformações sociais em que hoje cientistas seguem uma direção oposta, estudando as crianças até chegarmos aos adultos.



Constata-se, pois, que é prudente e necessário questionar a noção de infância, seja no período descrito por Ariès (1986), seja no conjunto da obra de Maria Montessori, seja em obras contemporâneas de nossos dias. Trazer esta autora à tona ainda hoje é trazê-la ao presente, o qual se faz a partir da história da criança e da infância, importando destacar que, atualmente tendo como base as perspectivas teóricas da sociologia da infância, discute-se a categoria infância enquanto infância do humano, em que para isso, é válido destacar que existem não apenas uma infância, mas sim, infâncias. Desse modo, no humano, a infância é a condição da história, tal como defende Kohan (2003, p. 243).

Nessa perspectiva, Montessori contribuiu significativamente para alcançarmos esta infância que caracteriza uma humanidade inacabada, portanto em construção. Nessa perspectiva, a autora afirma que isso tem como motivo considerar a criança que está em direção à vida, ou seja, quanto mais cresce, mais aprenderá e vivenciará momentos que ninguém pode viver por ela, e que no caso dos adultos, torna-se o oposto. Para isso, a autora aponta que “[...] o homem pode se considerar totalmente desenvolvido, e nenhuma transformação notável ocorre nele [...]” (MONTESSORI, 1987, p. 27).

Nesse sentido, Montessori se identifica com os estudos de Itard e Séguin, afirmando: “[...] guiava-me pelo livro de Séguin, e as experiências de Itard constituíam para mim verdadeiro tesouro. [...]” (2017, p. 39-40). A autora considerava Itard como primeiro educador, com base em seu conhecimento sobre o desenvolvimento humano, tendo em vista suas experiências com o “menino selvagem”. Segundo Montessori, “[...] Itard argumentava que o menino só parecia ser deficiente porque havia sido isolado da sociedade [...] impedido de se desenvolver normalmente [...]” (COLE & COLE, 2003, p. 25). Entretanto, a autora considera Séguin como principal motivador do seu aprofundamento, inicialmente com ênfase nas crianças com deficiência. Desse modo, na perspectiva de Rosa (2012):

[...] Séguin criticou uma medicina e uma educação incapazes de considerarem a realidade dos alunos e, a partir disso, desenvolveu sua proposta de ensino e suas ações junto a crianças e jovens com deficiência intelectual. Evidenciava que todas essas pessoas, conforme as suas possibilidades, poderiam aprender [...] (p.17).

Diante do exposto, seus trabalhos de pesquisa e descrição sobre o desenvolvimento infantil iniciaram-se com as crianças deficientes, com necessidades educativas, fabricando e remodelando materiais didáticos e, assim, dando início ao seu método não apenas por meio da observação, mas também partindo da transformação do que havia disponível à sua época. Entretanto, vale ressaltar que este ensaio teórico tem por finalidade desenvolver o estudo acerca da concepção de criança manifestada por Montessori, não apenas resumindo-a por seu método que, com base em seus estudos e descobertas sobre a criança, torna-se consequência prática e pedagógica.

Dentre as obras publicadas por Montessori e traduzidas em português para a produção e análise do presente ensaio teórico, cujo enfoque é “a criança”, selecionamos a obra “*O segredo da Infância*”, publicada em 1936, a qual está presente quase que totalmente neste texto considerando sua rica contribuição de uma percepção da criança. Também a obra “*Mente Absorvente*”, de 1948, foi essencial para sustentar as reflexões



acerca do desenvolvimento das primeiras fases da criança, as quais serão abordadas ao longo do texto. Além disso, foram utilizadas mais duas obras: “*A descoberta da criança*” de 1912, e “*A formação do homem*”, sendo este o último livro publicado pela autora, em 1949. Com o objetivo de registrar sinteticamente exposta acima, apresentamos uma tabela com as obras da autora, na qual as obras lidas e analisadas estão dispostas, em ordem cronológica, tendo como base suas datas de publicação.

Tabela 1 - Ordem cronológica das obras de Montessori citadas neste ensaio.

1ª	“A descoberta da Criança”	1912
2ª	“O segredo da Infância”	1936
3ª	“A mente absorvente”	1948
4ª	“A formação do Homem”	1949

Fonte: Elaborado pela autora.

Ademais, para compor este ensaio teórico, também foram utilizados diferentes textos e abordagens referentes aos estudos de Montessori e de outros autores, os quais serviram como aporte teórico para o debate, a reflexão e para o desenvolvimento da discussão sobre a temática “a concepção de criança” que se desdobrará ao longo do ensaio. Desse modo, é importante contextualizarmos os processos aos quais Maria Montessori perpassou durante a escrita de suas obras e que propiciaram os estudos da criança de um modo antes não debatido.

CONTEXTUALIZANDO O ESTUDO ACERCA DA CRIANÇA MONTESSORIANA

Em meados dos anos 1890, em Roma, surge desordenadamente um novo bairro conhecido por São Lourenço, considerado altamente perigoso e com altas taxas de criminalidade, onde construíram-se conjuntos residenciais que abrigavam famílias com crianças que até então trabalhavam por meio da exploração e da necessidade. Foi assim então que Montessori fundou a primeira escola denominada Casa dei Bambini (Casa das crianças), em 1907, a qual foi proposta como “[...] uma ideia genial a de recolher os filhos, de 3 a 7 anos, dos moradores de um conjunto residencial [...] Cada conjunto residencial deveria ter sua escola [...]” (MONTESSORI, 2017, p. 46). Com a necessidade e os visíveis sucessos da criação desse novo espaço educativo, foram se espalhando mais de cinco casas das crianças país afora.

Os interesses pela criança iniciam com base na observação em um ambiente correspondente à evolução e transformação do desenvolvimento da criança, propondo um livre brincar, autônomo e com o mínimo de materiais necessários. A observação torna-se para Montessori o principal objeto de estudo em uma ciência que considera o adulto como



cientista em uma ação observadora, além de curador e mediador, facilitando e protegendo a criança nesse ambiente, compreendendo-a como forma de amor. À vista disso,

[...] a criança aprende através de sua própria atividade, apoderando-se da cultura em seu ambiente, e não recebendo do mestre [...] colocando em funcionamento as capacidades de seu subconsciente, deixando livre para absorvê-lo e exprimir-se segundo processos naturais do espírito absorvente [...] (MONTESSORI, 2018, p. 52).

Em outras palavras, o professor deve se apropriar do que está sendo oferecido para a criança, destacando sempre que a aprendizagem não será transmitida pelo adulto, e sim que esta virá com base nas experiências, nas ações e na forma pela qual essa criança se coloca na relação com o mundo e as transformações que a liberdade, como fenômeno biológico, lhe oferecerá.

Para além disso, a autora afirma que é importante considerarmos o desenvolvimento psíquico da criança desde sua geração no ventre de sua mãe, seu nascimento e ao que é definido como a primeira infância, fase mais importante da vida, que compreende de zero a seis anos de idade. Nesta direção, Montessori cita como exemplos o momento em que a criança adquire a linguagem materna, o movimento e tudo aquilo que ela absorve com base no ambiente em que está imersa e nas suas vivências.

A MENTE ABSORVENTE DA CRIANÇA MONTESSORIANA

Montessori afirma que durante os seus primeiros anos de vida a criança *absorve* e organiza em sua mente com muita facilidade tudo aquilo que lhe é oferecido para ser vivido e experienciado. Por sua formação como médica, a autora utiliza-se do viés biológico para iniciar e desenvolver seus estudos sobre a criança e, nesta perspectiva, o conceito de mente absorvente ou plasticidade cerebral para Montessori é a percepção de que a criança seja capaz de absorver como uma esponja aos estímulos e impressões sensoriais que geram a transformação desde o começo de sua vida. Em outras palavras, esse processo permite à criança vivenciar e experienciar o mundo em que vive; desse modo, a mente absorvente é constituída a partir do que esse ambiente irá lhe oferecer, tendo como principal fator a exploração e a experiência da criança.

Além disso, a curiosidade é apontada como principal fator natural desse estágio de desenvolvimento, ou seja, a criança vive o mundo e busca formas de decodificá-lo, tendo como meios para tal a indagação e os questionamentos sobre esse mundo. Com isso, esse fenômeno é interno à criança de modo que, com base no processo adaptativo, a sua mente absorvente transforma a forma com que a criança tem de agir no mundo.

Entretanto, Montessori afirma que essa apreensão natural do mundo pode também ocorrer de formas não tão positivas, pois tanto pode absorver e se desenvolver com base no mundo a sua volta, como pode também apreender aquilo que não lhe é favorável, como a violência, a agressão, a relação de conflitos entre si e com os adultos. Ou seja, se esse ambiente e esse mundo oferecido à criança nesse período não for adequado aos melhores propósitos e anseios humanos, esses estímulos tóxicos se tornarão a forma pela qual essa criança verá e lidará com o mundo.



Ademais, é importante destacar em Montessori as duas grandes fases dessa mente absorvente demarcadas na primeira etapa de desenvolvimento da criança, do seu nascimento até os seis anos de idade. A primeira delas é definida como a mente absorvente inconsciente, e a segunda denominada como mente absorvente consciente.

A Mente absorvente inconsciente - A partir do seu nascimento até seus três anos de idade, essa mente absorvente é caracterizada para a autora como inconsciente, ou seja, a criança em seus primeiros anos de vida absorve o mundo a sua volta com muita facilidade, porém, como a própria fase já indica, isto se dá de modo inconsciente, sem saber controlar todas as informações que chegam do ambiente fornecido pelo adulto ao seu redor.

Nesse sentido, nessa fase tudo se torna fonte de estímulos para o seu cérebro, como por exemplo, tudo que toca, vê, sente e experiencia, seja a fala humana, os hábitos, ou os movimentos, etc. Ainda com base nessas experiências vividas, ocorre um agrupamento de referências as quais, no futuro, ajudarão a formar o seu caráter e as suas identidades. A criança percebe o mundo ao seu redor e começa a se perceber e a se constituir como parte dele.

Mente absorvente consciente - Já por volta dos três aos seis anos de idade, a criança não só absorve esse mundo de forma consciente, mas também age em respostas a esses estímulos absorvidos, desenvolvendo suas capacidades motoras, cognitivas e emocionais, constituindo-se como ser humano nesse processo. Para Montessori, essa aprendizagem acontece de forma natural, orgânica e intuitiva, de modo que, tendo como exemplo o desenvolvimento da linguagem materna, a autora cita que apenas por existir, por estar em um ambiente e interagindo com outras pessoas e sua família, ou seja, em contato com o mundo, a mente absorvente aprende.

O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA PARA MARIA MONTESSORI

Em seu livro “O segredo da infância” (1936), Maria Montessori relata seu início de observação e de estudo das crianças, definindo assim os planos de desenvolvimento demarcados nos primeiros seis anos de idade dessa criança, e também estruturando os planos subsequentes correspondentes a cada seis anos de vida, desde seu embrião até sua interdependência profissional e sua busca do sentido da vida, os quais, resumidamente, seguem como características:

- **A mente absorvente da criança (0 aos 6 anos):** Corresponde à mais importante fase do desenvolvimento, na qual ocorre a interdependência física, caracterizada pelas grandes transformações na criança.
- **Período da Infância (6 aos 12 anos):** Início da interdependência intelectual, nesse período a criança inicia o processo de pensar e indagar sobre o mundo por conta própria, além de ser um período de crescimento e transformações intelectuais, cognitivas e morais.



- **Adolescência (12 aos 18 anos):** Momentos de mudanças profundas importantes, tendo como principal característica a interdependência social, a qual busca a integração na comunidade.

- **Maturidade (18 aos 24 anos):** Sendo a última fase classificada por Montessori, a autora acredita que, se durante toda sua infância a criança caminhou por um desenvolvimento facilitado e seguro pelo adulto, com base em um ambiente preparado, nessa fase espera-se a interdependência profissional pela busca do sentido da vida, ou seja, o adulto se torna maduro o suficiente para lidar com as suas emoções e terá responsabilidade sobre as próprias atitudes.

Seguindo nesta direção, destaca-se a afirmação de Montessori (1987) de que “[...] esses períodos são claramente distintos um do outro e é curioso notar que eles coincidem com as diferentes fases do desenvolvimento físico [...]” (p. 25-26). Em vista disso, Montessori afirma que o desenvolvimento da mente psíquica e as alterações físicas que acontecem durante todo o processo de crescimento das crianças ocorre em concomitância e desse modo, ao mesmo tempo.

A autora defende que, para alcançar seu último período de desenvolvimento, sendo este a maturidade e assim transformação da criança em homem, espera-se que o cronograma universal de desenvolvimento esteja presente em suas relações psíquicas e sociais ao longo do processo de desenvolvimento da criança, esse que possui características específicas para determinada faixa etária, as quais serão abordadas no próximo tópico.

OS PERÍODOS SENSÍVEIS

O cronograma universal do desenvolvimento da criança está presente no que Montessori denomina período sensível, este que é permeado nos primeiros seis anos de idade e motivado pelo interesse da criança por tudo que é visível neste período inicial, ou seja, dando possibilidades de descobrir as coisas, que é o grande interesse da criança. Entretanto, a autora afirma que, “[...] se a criança é impedida de agir segundo as diretrizes de seu período sensível, perde-se a oportunidade de uma conquista natural, e fica perdida para sempre [...]” (2019, p. 55).

Com base nesse cronograma inicial de desenvolvimento, as crianças em determinada idade e faixa etária ficam mais suscetíveis e se desenvolvem melhor em determinados marcos, como por exemplo: o movimento - momento intrínseco da criança com seu corpo como um todo; a linguagem - considerada como resultado da suscitação da observação, nesse momento, sendo “expressão dos seus pensamentos”; a ordem - por necessitarem de previsibilidade, Montessori afirma que pequenas mudanças são sérias o suficiente para a desordem; os pequenos detalhes entre outros muitos períodos, como exemplificado na figura abaixo.



Figura 1 - Os períodos sensíveis



Fonte: <https://larmontessori.com/2019/03/23/periodos-sensiveis-montessori/>

Nesta perspectiva, a autora afirma que, desde recém-nascidas, as crianças são incapazes de se orientar e se proteger do mundo exterior, e assim, são guiadas por esses períodos sensíveis com base nos seus instintos parciais, também definidos por Montessori como instintos do guia interior, sendo papel do adulto colaborar dentro dos limites que agem esses instintos e os seus períodos sensíveis. Assim, a mente e o corpo, para Montessori, sempre estarão em ligação e são fundamentais para a formação da personalidade das crianças, podendo também ocasionar desvios, assunto esse que será abordado e desenvolvido a seguir.

MENTE E CORPO: DESVIOS NA PERSONALIDADE

A partir de um viés biológico, Montessori apresenta o guia interior definido pelas vontades dentro das crianças com idades entre 0 a 3 anos, sendo a fase mais importante da vida, pois as crianças iniciam o processo de vivências e experiências vividas por elas em que a própria natureza se torna lei para o seu desenvolvimento. Além disso, afirma que

[...] os instintos-guia, aos quais está ligada a própria existência da vida na sua grande função cósmica, bem como as reações do ambiente, são sensibilidades interiores delicadas, assim como o puro pensamento é uma qualidade totalmente interior à mente [...] (2019, p. 240).

A partir dessa definição, Montessori afirma que quando esse guia-interior é reprimido pelos adultos, suas forças transformam-se em forças acumuladas: “[...] Seu guia pode existir, mas em vez de agir sobre ele, enfraqueceu-se, e o ser permanece abandonado, vítima dos sentidos [...]” (2019, p. 99). Deste modo, entende-se que, quando deixamos as crianças livres para brincar, elas irão seguir as forças de seus guias e assim



estarão contemplando os períodos sensíveis, ou como definido pela autora, o cronograma universal do seu desenvolvimento.

Além disso, Montessori aponta desvios na formação da personalidade das crianças que estão intrinsecamente ligados à ação dos adultos em sua educação, os quais “[...] atuam sobre a criança [como] influências que podem alterar seu caráter na vida futura: se a criança passou por um trauma ou experiência violenta [...] podem disto resultar alguns desvios [...]” (1987, p. 182).

A mente, para a autora, age concomitantemente junto ao corpo, mas quando desconectados geram uma descoordenação ou desequilíbrio nessa criança. À vista disso, a criança não confia em suas ações, bem como cria mundos que não existem, passando a não saber lidar com a realidade. Estes desvios não devem ser considerados como defeitos na personalidade, mas sim consequências de uma falha na organização da personalidade. Nesse momento, o oferecimento de possibilidades ocasiona a “normalização” do corpo junto da mente, acontecendo, *a priori*, na liberdade da ação autônoma por meio do trabalho realizado sobretudo com as mãos sobre objetos, ou seja, trabalho de concentração mental.

Para os estudos de Maria Montessori, o processo de “normalização” da criança definida como desequilibrada, perpassa por alguns momentos, sendo o desequilíbrio o primeiro deles, com o auxílio de atividades que utilizem os movimentos das mãos, ou seja, que as crianças passem a utilizar-se da concentração nessas atividades. Logo após, temos o início da estabilidade e, em consequência, a independência dessa criança. Desse modo “[...] A ordem mental e a coordenação dos movimentos [...] preparam a concentração, a qual, uma vez obtida, ‘liberta as ações da criança’ e a leva a cura dos seus defeitos [...]” (MONTESSORI, 1987, p. 192).

Ademais, para além da sua normalização, torna-se papel fundamental do adulto entender o comportamento natural da criança em liberdade, estruturando um ambiente e permitindo a sua ação espontânea, fornecendo também um mundo em equilíbrio por meio da ordem. No tópico posterior, será abordado essa ordem que, para Montessori, torna-se essencial para o desenvolvimento da criança.

AS ORDENS: LEIS QUE ORDENAM O DESENVOLVIMENTO

A ordem para Montessori não é apenas uma ação estética. Segundo a autora, até os seus 5 anos de idade a criança tenta compreender e agir no mundo por meio de padrões, de modo que esses padrões podem também ser definidos por meio da repetição de três tipos de ordem, apresentadas como a ordem do ambiente; a ordem do tempo; e a ordem das relações e interações as quais essa criança está envolvida. Montessori estabelece que “[...] A criança não pode viver na desordem porque esta lhe faz sofrer, e o sofrimento se manifesta através do choro desesperado [...]” (2019, p. 66). Em outras palavras, a ordem fará com que a criança entenda como o mundo funciona e assim, aprenderá como funcionar nesse mundo em que vive.

O ambiente como primeiro tipo de ordem da criança, principalmente quando bem pequena, possui como característica o estado de cada coisa estar sempre no seu devido lugar, ou seja, a criança espera que as coisas estejam no seu lugar para que sempre possa



retornar a ele para continuar a explorar e conhecer esse ambiente, encontrando as coisas na mesma forma de quando saiu, sem surpresas. O ambiente está assim, definido pela necessidade de previsibilidades.

Montessori (2019) afirma que “[...] A ordem das coisas significa conhecer a posição dos objetos no ambiente, recordar-se do lugar onde cada um deles se encontra, ou seja, orientar-se no ambiente e dominá-lo em todos os detalhes [...]” (p. 69). Todavia, quando a criança passa a reconhecer e compreender o mundo em que vive, por volta dos 3 anos de idade, a desordem do ambiente já não será uma preocupação, visto que já sabe como o mundo funciona. Segundo ela,

O ambiente que pertence à alma é aquele conhecido, aquele que é possível movimentar-se de olhos fechados e ter à mão tudo que se procura: é um local necessário à tranquilidade e felicidade da vida [...] (MONTESSORI, 2019, p. 69).

O segundo tipo de ordem está relacionado à noção de tempo, podendo ser caracterizado pelas rotinas e rituais, sendo mais abstrata, perdurando até os 5 anos da criança. Esta ordem tem como ancorador o processo de repetição, como por exemplo, sequências de rituais e ações que se repetem do mesmo jeito todos os dias. Para Montessori, esse processo passará a se tornar algo concreto e assim, a criança ficará segura para conquistar sua autonomia e independência.

Por último, a ordem nas relações é caracterizada principalmente pelo comportamento do adulto em relação à essa criança; a autora menciona que “[...] o amor pela ordem como o entendem as crianças não é aquele que intentamos e exprimimos com palavras frias [...]” (2019, p. 69). Em outras palavras, essa ordem nas relações é determinada pelo conjunto de valores base e estabilidade que o adulto propicia às crianças, pensando também nos limites que impomos e nas nossas ações como adultos preparados, fornecedores de um mundo ordenado e seguro para essa criança.

Segundo as proposições montessorianas até aqui expostas, quando o adulto desconsidera todas essas leis que regem o desenvolvimento da criança se coloca em um papel fútil e pouco produtivo, e a ajuda é inútil visto que provem das ações do adulto que, ao intervir em processos não necessários, tornam-se impedimentos para a vida em um mundo cheio de paz e harmonia, os quais, em síntese, serão destacados no tópico abaixo.

AJUDA INÚTIL: A GUERRA ENTRE AS CRIANÇAS E OS ADULTOS

Quando embrião, a criança é contemplada como transformadora até a sua formação fetal, ou seja, o feto, em suas características, permeia um caminho de liberdade independente da ação do adulto, em que este prepara o ambiente externo para a sua chegada. Em outras palavras,

[...] Quando ela fala da ‘vida psico-embriônica’, recorre a uma analogia com o ‘embrião físico’ a fim de ressaltar que o mundo intelectual do indivíduo deve igualmente ser construído progressivamente por meio de impressões e experiências [...] (RÖHRS, 2010, p. 29).



Entretanto, a autora pontua a ajuda desnecessária ao nascerem que ignora todo o processo independente que o feto percorreu até se tornar um embrião saudável e estruturado.

Montessori afirma que, quando o adulto ajuda desnecessariamente, ele interrompe o desenvolvimento interior dessa criança, ou seja, ela se desenvolve por si mesma, e a ajuda gera a interrupção de um fluxo que trará, segundo a autora, uma indignidade às ações infantis. Afirma ainda que, para a criança, esse trabalho interior é fundamental para a sua construção como ser humano, visando a educação cósmica proposta por Maria Montessori.

Nesse sentido, a autora explica que existe um mal entre os adultos denominado como “*Organização do mal como um bem imposto à humanidade por sugestão*” (Ombihus), esse que se dá pelo *achismo* de sempre estar fazendo o bem ao ajudar excessivamente a criança ou em “apressá-la” em suas tarefas. Para superar este entendimento, Montessori reflete sobre essa ação diante da criança: “[...], mas tudo gira sempre em torno da mesma imagem da criança incompreendida, deformada pelo *ombihus*, que nos impede de vê-la tal como é em si mesma [...]” (2018, p. 66).

Neste sentido, do ponto de vista da educação cósmica, entendida como uma educação organizada para ajudar a criança a entender as relações estabelecidas no cosmo/sociedade, a tarefa da criança no mundo perpassa pela autoconstrução por meio da qual constrói a si mesma e, assim, construindo uma nova humanidade. Ainda em conformidade com este entendimento, como citado anteriormente, o papel do adulto deve ser o de preparar, permitir e facilitar esse ambiente, e propor ações pedagógicas à criança.

MUNDO NOVO CHEIO DE MILAGRES

Para Montessori, a criança e a infância são como esperança e promessa para a humanidade, pois acredita que entender a criança é o único caminho cientificamente verdadeiro para a superação dos problemas da sociedade, caracterizando-a como criadora de um “Mundo novo cheio de milagres”. Esta reconstrução do mundo será provida pela capacidade da criança em absorver e transformar o mundo em que vive, denominada por Maria Montessori de processos adaptativos. Além disso, retomando o debate relacionado aos desvios de personalidade, citado no tópico “Mente corpo: os desvios da personalidade”, a criança estável, concentrada e “normalizada”, propõe à sociedade uma nova concepção de mundo, ou seja, quando normalizada, essa criança estará contribuindo para a melhoria do mundo quando adulta.

Entretanto, é importante destacar como citado anteriormente que, nesse momento de apreensão de todas as suas vivências, se a criança passa por experiências violentas, agressivas ou de conflitos com seus pares ou com os adultos de sua convivência, essa mudança na humanidade não será significativa, ou seja, não acontecerá. Para a autora, “[...] portanto, ajudaremos a criança não mais porque a consideramos um ser pequeno e fraco, mas porque ele é dotado de grandes energias criativas [...]” (MONTESSORI, 1987, p. 24).



Desse modo, para Maria Montessori, a paz é o estado de coisas que permite o desenvolvimento da vida, tanto social, individual e cósmico; por isso, é importante que as crianças consigam vivenciar momentos significantes ao seu conhecimento de mundo durante todo seu processo de desenvolvimento, com base em uma educação pautada na ajuda, na segurança, em um ambiente preparado por adultos preparados, que lhe oferecerão um mundo em que ela possa transformá-lo em novo, cheio de milagres e assim, construir uma nova sociedade em paz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS DE QUEM ESTÁ INICIANDO...

À guisa de conclusão e diante do exposto neste ensaio, procuramos abordar a concepção de criança pela visão de Maria Montessori, tendo como principal fundamentação e metodologia a análise das obras selecionadas com o foco neste conceito em seu percurso como médica e professora, obras estas que, no início do presente ensaio, foram destacadas e apresentadas de modo cronológico segundo o que a autora se propôs em sua trajetória. Dessa forma, podemos destacar que seus estudos sempre foram destinados ao estudo da criança e têm como consequência prática e teórica, a elaboração do seu método pedagógico.

Por esta perspectiva, pode-se afirmar que a concepção de criança para Montessori não se resume à apresentação das suas fases e planos de desenvolvimento, mas sim, a sua capacidade de transformação de uma sociedade em declínio com base em uma educação autônoma que lhe forneça liberdade em suas ações, como também amparada por um ambiente organizado por adultos que estejam preparados para propiciar essa busca pela transformação e ação no mundo. Montessori afirma que

[...] hoje é absolutamente necessário que a sociedade inteira se recorde da criança e da importância que ela tem, e que vá ao seu encontro com a máxima urgência para tirá-la do grande e perigoso abismo em que jaz [...] (MONTESSORI, 2019, p. 258).

Em outras palavras, podemos entender que o mundo em declínio no qual Maria Montessori viveu instigou-a em seus estudos na busca por “descobrir” um novo homem que traz em si, a possibilidade de construir um novo mundo. Para a autora, o mundo que esperamos dependerá não somente da nossa ação pedagógica, mas também da criança que estamos considerando nesta prática, pois “[...] O bom ou o mal do homem na idade madura está estreitamente ligado à vida infantil na qual teve origem [...]” (MONTESSORI, 2019, p. 12).

Mas não só considerar essa criança como transformadora; é importante ressaltar também a necessidade de superar o *Ombihus*, o mal disfarçado de bem que, por meio da ajuda considerada inútil, desfavorece a tarefa cósmica dessa criança definida pela autoconstrução, qual seja, a de construir a si mesma e por consequência, uma nova humanidade.

À vista disso, as obras de Montessori não só apresentam uma concepção de criança, mas também a importância de que adultos como nós, docentes, proporcionemos esse mundo e ambiente para as crianças de modo que seus estudos e reflexões façam



sentido às ações pedagógicas, os quais se dão por trás de cada docente que somos em constante processo de apreensão desse mundo que só poderá ser transformado e renovado por meio da educação e da criança.

Portanto, para minha formação como docente de pedagogia e para os estudos da infância e da criança pequena, Montessori, por meio de suas obras cedidas e publicadas ao longo de sua majestosa experiência de vida, nos possibilita abrir novos caminhos para essa educação que ainda hoje, se apresenta como não-crítica, violenta e tradicional à medida que desconsidera a criança em seu potencial autônomo que lhe atribui papel fundamental no seu processo de desenvolvimento e aprendizagem.

Diante disso, é indubitável a importância de conhecermos e aprofundarmos as concepções de Montessori, para a realização de uma ação pedagógica genuinamente educadora, transformadora e para um mundo e uma vida nova cheia de milagres, ou seja, uma educação que contemple as nossas crianças, em todos os seus âmbitos.

REFERÊNCIAS

ARIÈS. Philippe. **História social da criança e da família**. 2ª ed. - Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

COLE, Michael; COLE, Sheila R. **O desenvolvimento da criança e do adolescente**. Porto Alegre, RS: Artmed, cap.1 “Estudo do desenvolvimento humano”, p.23-38, 2003.

GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. **O que é pedagogia** (coleção primeiros passos), 4. ed., São Paulo: Editora Brasiliense, 2007.

RÖHRS, Hermann. **Maria Montessori**. Tradução: Danilo Di Manno de Almeida, Maria Leila Alves – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. 142 p.

KOHAN, Walter O. **Infância**. Entre educação e filosofia, Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2003.

MONTESSORI, Maria. **Mente absorvente**. Rio de Janeiro: Nórdica. 1987.

MONTESSORI, Maria. **A descoberta da criança** – pedagogia científica. Campinas, SP: Kíron. 2017.

MONTESSORI, Maria. **A formação do homem**. 1ª edição. Campinas - SP: Kirion, 2018.

MONTESSORI, Maria. **O segredo da Infância**. 1ª edição. Campinas, SP: Kirion, 2019.

ROSA, Kaciana Nascimento da Silveira. Toda criança é capaz de aprender: as contribuições de Edouard Séguin (1812-1880) para a educação da criança com deficiência intelectual. 2012. 128 f. **Dissertação** (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.